

ASPECTOS DA OMISSÃO DA ORIGEM PROVINCIAL DE TRAJANO NO DISCURSO DE PLÍNIO, O JOVEM*

Renata Lopes Biazotto Venturini**

Alex Aparecido da Costa***

Resumo:

*A ambiguidade do sistema político do Principado expressa-se em vários aspectos, dentre os quais o sistema de sucessão dos césores e os requisitos para alcançar o poder imperial. Nesse sentido a ascensão de Trajano coloca em tela as duas questões, pois ele não alcançou o governo por uma solução dinástica como ocorrera até então, e tampouco pertencia a uma tradicional e aristocrática família da urbs. Embora a singularidade da situação possa levantar a ideia de que fosse preciso omitir sua origem hispânica, devemos atentar para o fato de que, no período, a integração das províncias ao sistema imperial ampliava as possibilidades de participação política. Tal quadro está exposto no **Panegírico de Trajano** de Plínio, o Jovem, onde é exaltada e enfatizada a integração das províncias e dos provinciais às ideias e valores romanos.*

Palavras-chave: Principado; províncias; Plínio, o Jovem; Trajano.

* Recebido em 31/03/2015 e aceito em 04/05/2015.

** Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Membro do Leam – Laboratório de Estudos Antigos e Medievais.

*** Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Membro do Leam – Laboratório de Estudos Antigos e Medievais.

ASPECTS OF THE OMISSION OF PROVINCIAL ORIGIN OF TRAJAN IN THE SPEECH OF PLINY THE YOUNGER

***Abstract:** The ambiguity of the political system of the Principality is expressed in many ways, including the succession system of the Caesars and the requirements to achieve the imperial power. In this sense the rise of Trajan puts on display the two issues, because it did not reach the government for a dynastic solution as had happened so far, and neither belonged to a traditional aristocratic family Urbs. Although the uniqueness of the situation can raise the idea that he had too much their Hispanic origins should pay attention to the fact that in the period the integration of the imperial provinces broadened the possibilities for political participation. Such a framework is set out in the **Panegyric of Trajan** by Pliny the Younger where is exalted and emphasized the integration of the provinces and the provincial to the ideas and Roman values.*

***Keywords:** Principate; provinces; Pliny the Younger; Trajan.*

No ano 100 d.C., Plínio, o Jovem (62-113 d.C.), proferiu em Roma, diante do Senado e do imperador, um discurso de agradecimento que posteriormente ficou conhecido como **Panegírico de Trajano**. O propósito principal de sua elocução era agradecer ao César por tê-lo indicado à magistratura consular. Outro aspecto que podemos discutir remete-nos ao grau de integração social, política, cultural e econômica de que gozavam, na virada do século I d.C. para o século II d.C., as populações do Império. Focalizaremos principalmente a perspectiva das populações provinciais, já que Marco Ulpio Trajano pertencia a esse grupo. O fato de ter sido o primeiro imperador provincial apresenta-se, portanto, como um indício de que a romanização ajudou, nesse período, a deslocar da *urbs*, ainda que relativamente, o protagonismo imperial.

Nesse sentido atentaremos, num primeiro momento, para o estudo de Canto (2003) que, tendo se debruçado sobre o mesmo recorte temporal, ressaltou no **Panegírico de Trajano** a ausência de informações sobre a origem provincial do imperador hispânico. A autora alega que a omissão dessa informação obedeceria à necessidade de não chocar o conservadorismo romano, cuja tradição não admitiria abertamente o que demandava o pragmatismo das questões políticas que alçaram Trajano ao poder em 98 d.C. Embora essa seja uma interpretação factível, gostaríamos de arrolar outros dados que podem ajudar a esclarecer a ausência de informações diretas sobre a origem provincial presentes no **Panegírico**. A conjuntura de crescente integração que o Império vivia suavizava as inovações, e a tra-

dicional assimilação das elites autóctones aos costumes romanos também concorreu para que o novo imperador não figurasse simplesmente como um provincial diante da aristocracia de Roma. Assim, o fato de Plínio não ter informado a origem de Trajano em seu discurso deve ser cotejado com essas informações, para que alcancemos conclusões mais abrangentes sobre o assunto.

Dessa forma, pretendemos demonstrar que Plínio, o Jovem, apresenta Trajano no contexto de integração das províncias ao sistema social de Roma. Esse processo ocorria de forma mais aguda em relação aos membros das elites locais chamados a participarem do aparato político e militar do Império. Embora a ocultação da origem provincial de Trajano no **Panegírico** possa ter cumprido um papel estratégico, devemos entender que as diferenças entre o centro e a periferia do Império estavam relativizadas.

A origem hispânica do imperador Trajano

No livro **Las raíces béticas de Trajano**, Alicia Maria Canto (2003) apresenta um olhar mais acurado sobre a origem de Trajano e argumenta que o imperador fazia parte de uma elite autóctone da província, contrariando a ideia de que era oriundo de uma família romana que se estabelecera séculos antes na Hispânia. A autora enfrentou uma questão que já inquietava outros historiadores. Petit afirma que a seguinte pergunta foi proposta por Piganiol: “Trajano e Adriano, descendentes de colonos de origem italiana, iberos colonizados ou população cruzada?” (PETIT, 1989, p. 294).

Para fundamentar sua tese, Canto (2003) inicia a discussão ressaltando a integração do *Municipium Italica*, cidade de origem de Trajano, ao sistema imperial. Tal condição estaria expressa no gênero francamente pró-romano presente nos reversos das moedas cunhadas nessa região da Hispânia, atestando as boas relações dos habitantes locais com o poder imperial desde a época dos Júlio-Cláudios. Desde o período republicano, a cidade foi o primeiro assentamento estável que os romanos estabeleceram na Hispânia após a vitória de Públio Cornélio Cipião sobre os cartagineses.

Situada na região do rio *Baetis*, que deu o nome de Bética a essa província ao sul da Hispânia, (CANTO, 2003, p. 9) foi habitada por romanos, itálicos¹ e turdetanos – destes últimos, habitantes naturais da região, é que descendia Trajano. No caso de Itálica, os turdetanos foram os indígenas

escolhidos pelos romanos para coabitarem o espaço urbano da cidade ali fundada. Por todo o Império tais escolhidos eram os membros das elites locais, que se mostraram receptivos à cultura dos romanos e com eles colaboraram antes da conquista dos territórios. Na Hispânia essa postura mereceu reconhecimento, pois as guerras púnicas exigiram uma difícil decisão por parte dos autóctones.

Para demonstrar que a família de Trajano era, de fato, turdetana, Canto (2003) oferece dois estudos principais. O primeiro consiste na revisão de fontes escritas. Ela coteja as informações da obra **Livro dos cézares**, de Aurélio Vítor, com a de um epítome anônimo da mesma; acrescenta também Dión Cássio, cuja obra **História de Roma** corrobora com a tese da origem hispânica do imperador. O segundo estudo envolve uma análise filológica e onomástica do *tria nomina*² do César. De Dión Cássio, ela destaca o seguinte:

Disse Cássio, ao referir-se à novidade que foi a adoção e a eleição como sucessor do imperador Nerva do general Trajano no ano de 97 d. C., que foi insólita porque “...(Trajano) era um ibero, e não um italo, nem um italiota... e nenhum álloethnês havia sido antes imperador...”. (CANTO, 2003, p. 20-21)

Para a autora, a afirmação do historiador grego torna indubitável a origem turdetana de Trajano, pois o uso do termo *alloethnês* afasta a possibilidade da origem itálica, já que seu significado é “o que concerne a um povo estrangeiro”, ou seja, a origem do imperador não seria romana ou de colonizadores romanos, mas sim hispânica.

O cotejamento das informações do texto de Aurélio Vítor com a de seu epitomador anônimo, autor do **Epítome de Cesaribus**, explica a necessidade desse método:

Comprovamos que, de fato, Aurélio Vítor começa diretamente seu relato sobre Trajano com seu acesso ao trono, e só cita sua origem hispânica para justificar sua adoção por Nerva, com o argumento de fundo de que “ainda que fosse um provincial, ao menos era senador e havia sido cônsul”, passando sem mais delongas à sua breve caracterização humana, militar e política. (CANTO, 2003, p. 38)

Ou seja, embora o testemunho seja favorável à sua argumentação, Canto busca no **Epítome** informações referentes ao período anterior à ascensão de Trajano, pois a obra de Aurélio Vítor tem como característica a brevidade e não aporta dados definitivos. Da obra anônima, ela traduz a seguinte informação:

Ulpio Trajano foi imperador durante vinte anos. (Oriundo) de uma cidade turdetana, seu nome foi “Ulpio” por seu avô, e o fato de ter sido chamado “Trajano” decorre de Traio, o fundador de sua linhagem, ou bem do gentílico de Trajano, seu pai. (CANTO, 2003, p. 38)

Portanto, embora o **Epítome** seja visto como um compêndio do **Livro dos césares**, a autora constata informações adicionais que lhe reforçam a ideia da origem turdetana do imperador. Não tendo o trecho citado sido extraído de Aurélio Vítor, abre Canto a possibilidade de que o próprio imperador tenha sido a fonte para esses dados, talvez retirados de textos escritos por Trajano, os **Daciorum libri** mencionados por Prisciano³ (CANTO, 2003, p.75).

Embora o *tria nomina* do imperador, *Marcus Ulpius Traianus*, indique, por meio do *nomen Ulpius*, ser pertencente à *gens Ulpia*, é no *cognomen Traianus* que deve ser rastreada sua verdadeira origem. O epitomador oferece uma informação importantíssima ao dizer que o nome do imperador derivava de *Traius ou Traianus* (CANTO, 2003). Devemos lembrar que entre os romanos, o indivíduo, ao ser adotado por outra família, passava a usar o *tria nomina* do pai adotivo ao qual juntava seu *nomen* original acrescido do sufixo *anus*. É essa explicação que Canto (2003) oferece para ligar a família de Trajano definitivamente à Hispânia. Ressaltamos que a hipótese de que *Traianus* seja um onomástico é descartada pela autora, já que afirma não existir uma localidade denominada *Traia* à qual se juntaria o sufixo *anus*. Assim, é por meio de uma adoção que ela sustenta a origem hispânica de Trajano, apesar do gentílico *Ulpius* em seu *tria nomina*.

Canto enfatiza também a presença italicense ancestral dos *Traii* na figura de um *Marcus Traius*, pretor de Itálica, colônia latina por volta de 90-70 a.C., o “*auctor generis paterni*, ou fundador da linhagem paterna” (CANTO, 2003, p. 58) do imperador. E para defender definitivamente a linhagem hispânica de Trajano, a autora procurou demonstrar a associação tanto da *gens Traia* quanto do vocábulo *traha* – que teria originado o *nomen Traius* – com aquela província.

A presença restrita da dita *gens* na Hispânia é sublinhada pela especificidade do termo de que derivou sua denominação, reforçando assim sua estreita ligação com a província:

*Pensando a respeito do vocábulo **Traius**, a rara palavra **traga/traha**, provavelmente de origem agrícola, é utilizada, e creio que não casualmente, por dois escritores béticos contemporâneos: o cordobês Sêneca e o gaditano Columela, este um especialista – ainda que não somente nas **res rusticae**. Por isso acredito que **traha** poderia ser um termo especificamente turdetano do vocabulário do campo, equivalente à **tragula** latina, isto é, uma espécie de conjunto de garras cuja missão é arar e preparar as terras (...).* (CANTO, 2003, p. 53)

Todos esses dados coligidos por Canto que aqui resumimos, indicam à autora que a evidente origem estrangeira de Trajano poderia ser um fator excessivamente inovador por ocasião de sua ascensão ao poder e que, portanto, deveria ser ocultada ao Senado em sua propaganda pessoal. Por isso ela destaca “o extremo cuidado de Plínio, o Jovem, em seu **Panegírico** do ano 100 para evitar a menor referência à procedência e lugar de nascimento de Trajano” (CANTO, 2003, p. 65). Mas a ausência dessa informação pode ser atribuída a outros fatores, e podemos entender, inclusive, que a origem hispânica do César não era de fato tão decisiva no contexto em que estava inserida a referida obra. Conhecendo Plínio, o Jovem, e seu papel na política imperial, poderemos compreender o movimento das estruturas institucionais que favoreceram o acesso de Trajano ao poder.

Plínio, o Jovem, e o *Panegírico* de Trajano

Como a questão central desta discussão é a origem social do imperador, convém apresentar também o panegirista sob este ponto de vista como forma de demonstrar que o acesso às posições importantes do Império estava cada vez mais ao alcance dos indivíduos vindos de fora da *urbs*. Assim como Trajano, Plínio também não fazia parte da tradicional aristocracia de Roma:

Plínio nasceu no auge do Império Romano, veio ao mundo em 62 d.C., no meio do reinado de Nero, em Comum, perto do Lago de

Como, no norte da Itália, e viveu até por volta de 112 d.C. Sua família não era da antiga nobreza de Roma, mas pertencia ao segundo grau das classes superiores romanas, os chamados cavaleiros ou equites romani. (SHERWIN-WHITE, 1969, p. 76)

Tanto a origem de Plínio como a de Trajano, somadas ao papel que ambos viriam a desempenhar, apontam a existência de um processo amplo de integração política e social durante o Alto Império. Beneficiaram-se dele as elites provinciais e os membros da classe imediatamente abaixo do Senado, ou seja, a ordem equestre, da qual Plínio fazia parte. Os cavaleiros eram recrutados “nas fileiras da elite italiana, principalmente daquela da Campânia, da Etrúria e da Gália Cisalpina, entre os colonos ilustres das províncias bem como ibéricos, gauleses, africanos” (CIZEK, 1983, p.75). O acesso desses novos representantes da realidade política e social do Império cumpria um papel estratégico, pois entre os cavaleiros eram escolhidos os novos senadores. É significativa a transformação operada no *ordo senatorius*:

Entre 68 e 96 o percentual de senadores italianos passa de 83% para 76%, e o dos senadores provinciais avança de 16,8% para 23%, e entre estes contam-se 75% de ocidentais e 15% de orientais. Esse novo contingente constituirá para o imperador um apoio político muito mais seguro: o Senado passará a ser um instrumento dócil às suas vontades. É dentre seus quadros que ele escolherá os governadores das províncias, os superintendentes das legiões e os chefes dos grandes serviços públicos. (ROULAND, 1997, p. 367-368)

Entre os governos de Vespasiano e Trajano, o autor do **Panegírico** esteve no exército na Síria, foi tribuno militar, questor, tribuno da plebe, pretor, cônsul, prefeito do erário militar e do erário de Saturno, curador do Tibre e governador da província do Ponto-Bitínia (VENTURINI, 2000, p. 69). Enquanto o panegirista trilhava a carreira civil, Trajano galgava postos pela via militar. Comandante das legiões da Hispânia e cônsul em 91 d.C., descreve nesse campo o movimento apresentado. Foi ainda, antes de ser adotado por Nerva, designado governador da importante província de Germânia em 97 d.C.

Esse processo que favoreceu equestres, itálicos e provinciais destinados ao Senado e ao Império, fazia parte de um quadro mais amplo, que décadas antes já dera exemplos significativos – afinal, o pai de Trajano alcançara

o status senatorial no mesmo período, e Vespasiano, originário da Sabínia, tornara-se em 69 d.C. o primeiro dinasta itálico.

No caso específico da Hispânia, devemos ressaltar o papel de Vespasiano, que dedicou importante atenção às províncias e fez progredir a romanização, especialmente ao conceder em 73-74 d.C. o direito latino, que garantia a cidadania àqueles que houvessem exercido uma magistratura (TOVAR; BLÁZQUEZ, 1975, p.126-127). Em suma, o quadro apresenta uma situação favorável às províncias, e o Senado, inclusive, já não era mais composto exclusivamente por membros da antiga aristocracia da *urbs*.

O texto que hoje conhecemos como **Panegírico de Trajano**, originalmente uma *gratiarum actio* que foi expandida visando publicação, serviu também como peça da propaganda imperial do César. A obra tornou-se importante para o conhecimento do período inicial do governo de Trajano pelo fato de as demais fontes terem chegado até nós de maneira muito fragmentada (DURRY, 1972), ou não contemplarem o período, pois, de acordo com Radice (1968), Suetônio encerra suas biografias em Domiciano, o que restou de Tácito finda no reinado de Vespasiano, e a **História Augusta** inicia-se com Adriano.

A ênfase que o panegirista dedica aos aspectos exteriores à *urbs* demonstra que o ideal de romanidade congregava regiões maiores, cada vez mais aceitas como pertencentes ao mesmo sistema. Nesse sentido, o **Panegírico** transcende seu objetivo principal quando Plínio demonstra interesse e preocupação com aspectos relacionados ao *immensum imperii corpus*. Devemos destacar que o discurso de Plínio ao imperador dirigia-se também ao Senado que, como vimos, era então composto por elementos dessa nova realidade, e eles certamente conheciam e compartilhavam a origem provincial de Trajano. Esses aspectos manifestam-se em algumas perspectivas da exaltação do governante e da forma como o Império era administrado:

Entre o adotado e aquele que adotava nenhum parentesco, nenhuma ligação a não ser vossa virtude comum que tornava um digno de ser escolhido, o outro de escolher. (...) Quando o Senado e o povo romano vão transmitir os exércitos, as províncias, e os aliados a um só chefe, poderiam aceitar por sucessor somente um filho dado pela esposa, procuraria o herdeiro do poder apenas no interior de sua casa? Não percorreria os olhos pelo conjunto dos cidadãos e não o estimaria como o mais próximo de si, o mais

*intimamente ligado se o considerasse o melhor, o mais semelhante aos deuses? Quem deve comandar a todos deve ser escolhido entre todos.*⁴ (PLÍNIO. **Panegírico** 7, 4-6)

Vemos que, antes de informar que Trajano não pertencia à família de Nerva, foi enfatizada a virtude mútua entre ambos. É que com a nova dinastia verificou-se uma restauração senatorial (HOMO, 1950), e os valores dos homens políticos, sobretudo a *virtus* e o *mos maiorum*, eram exaltados devido à sua ausência durante a dinastia anterior. Além disso, os indivíduos oriundos das províncias já romanizados eram tidos como reservas das tradições morais que estariam ausentes em muitos elementos da *urbs*.

A mesma citação traça ainda um sintético e crítico resumo das opções sucessórias até então implementadas para eleger a adoção de Trajano por Nerva como a mais acertada. Destacamos a defesa que Plínio faz da escolha operada sem distinção étnica ou geográfica. Nesse sentido, no recurso à adoção não deve ser vista uma forma de maquiagem a origem do futuro imperador, mas, como explica Veyne (1991), uma forma tradicional e legítima de instituir um herdeiro para o Império.

Não só o objeto da escolha deveria recair para além dos limites da *urbs*: era preciso escutar também as vozes que vinham de fora. É significativa a forma como Plínio expressa essa necessidade ao ressaltar que a escolha de Trajano não coube apenas a Nerva “pois que, por toda parte os homens estão a expressar os mesmos votos” (PLÍNIO. **Panegírico** 10, 2). É notável a ausência da expressão *senatus populus que romanus*, que costumava ilustrar a soberania das decisões romanas de importância semelhante. Nesse caso, o panegirista decerto optou por abrir mão de uma convenção tradicional em favor de uma construção que contemplasse e representasse melhor as forças que passavam a ter importância nas decisões do Império. Assim, podemos ver que o discurso de Plínio, conservador nos aspectos ideológicos, apresenta um acentuado nível de liberalismo social em relação à gestão e à participação política. Outra passagem que endossa o processo de integração imperial também orbita a escolha do sucessor, valorizando o elemento provincial. Trata-se do elogio ao pai de Trajano:

Mas tu também, Trajano pai (pois tu igualmente se não está entre os astros ao menos tem um lugar próximo aos astros), quão grande é a alegria que tu sentes quando vês teu tribuno, teu soldado transformado em tão grande imperator, em tão grande príncipe,

e que tu disputas com grande amizade com aquele [Nerva] que o adotou para saber se é mais belo gerar tal filho ou tê-lo escolhido! Honra aos dois pelo imenso serviço prestado ao Estado, ao qual agraciaram com tal benção! (PLÍNIO. **Panegírico** 89, 2,3)

O elogio de Plínio estende-se à figura paterna, o que significa, por extensão, sua família. Embora não haja menção à Hispânia, não podemos imaginar que os contemporâneos ignorassem a origem de Trajano pai, cônsul em 68 d.C. “e um general experiente que se distinguira nas guerras do Oriente, da Palestina e da Síria” (CIZEK, 1983, p. 115).

O título e os feitos apresentam-se ainda em outras passagens do **Panegírico**: vitória contra os partos (14, 1), honras triunfais (16, 1), consulado e triunfo (58, 3). Outro elemento exemplar que fortalece a propaganda do governo de Trajano pode ser lido na comparação com Domiciano. Ele se constrói na oposição entre o *princeps* e o *tyrannus*, o bom e o mau governante. Em 99 d.C. Trajano faz seu retorno a Roma, “pacífico e modesto” (PLÍNIO. **Panegírico** 20, 1), atitude que contrasta com a do último Flávio:

*Quanta diferença da recente passagem de outro príncipe! Isso se for possível denominar passagem e não destruição esta marcha na qual ele expulsava para encontrar pouso, na qual, à direita ou à esquerda tudo era queimado e pisoteado como se algum flagelo ou os próprios bárbaros dos quais ele fugia ali estivessem se lançando. É preciso fazer as províncias compreenderem que esta maneira de viajar era aquela de Domiciano, não a do imperador.*⁵ (PLÍNIO. **Panegírico** 20, 4)

A condenação da forma como Domiciano agiu aproxima-o dos tiranos que faziam “mal aos seus concidadãos, que governavam contra as leis e se destacavam especialmente por sua crueldade” (MICHEL, 1969, p. 56). Trajano, ao contrário, é “o verdadeiro rei, aquele que é capaz de ser mestre de si e dos outros” (BÉRANGER, 1935, p. 91). No discurso de Plínio observamos que o conceito do mau governante está associado àquele que prejudicasse as províncias preservadas por Trajano. Além disso, Plínio celebra a proximidade amigável dos *socii*, os aliados do Império, para tratar com o César.

Nessa ocasião, por volta do ano 98 d.C., Trajano exercia seu segundo consulado próximo ao *limes*, nas margens dos rios Reno e Danúbio. O panegirista aproveita a presença do príncipe nas franjas do Império para exaltar a conciliação do poder central não só com as províncias, mas tam-

bém com os aliados. Plínio faz uma descrição vívida de como as obras de Trajano promoviam a benéfica integração econômica do Império:

*Não nos é dado ver como, sem ofender ninguém, cada ano supre com fartura as nossas necessidades? Pois as colheitas não são, como um butim de guerra que irá apodrecer em nossos celeiros, arrancadas aos aliados que gritam por justiça. Os aliados trazem eles mesmos o que a terra produziu, o sol alimentou, o ano forneceu, e não estando esmagados por novas taxas, eles sacrificam aos antigos impostos. As compras do fisco não são jamais compras simuladas. Por isso essas provisões, essa anona, cujo preço é fixado de acordo com o licitante e o vendedor. Assim reina aqui a abundância e em parte alguma a fome. (PLÍNIO. **Panegírico** 29, 2-5)*

No mesmo sentido, a ocorrência de uma seca no Egito permitiu a Plínio ilustrar a diligência do sistema administrativo do Império para socorrer as regiões que o compunham, fazendo retornar em socorro aos egípcios fadados o trigo levado a Roma como tributo. Assim, estar ligado ao mundo romano era estar seguro, mesmo contra as incertezas naturais. Outro fator que no período fomentava essa integração diz respeito à concessão dos privilégios da cidadania romana: a equiparação jurídica dos indivíduos do Império aos direitos antes restritos à aristocracia da *urbs*. O panegirista destaca que Trajano igualou, quanto à taxaço das heranças, os cidadãos de longa data àqueles que adquiriram a cidadania por meio do direito latino (PLÍNIO. **Panegírico** 37, 3,4).

Esse processo de concessão de direitos aos provinciais favorecia principalmente os *homines novi*. Ascendendo em sua carreira rumo ao Senado, os homens novos eram incentivados pelo imperador a prestar bons serviços nas províncias como requisito para lograrem suas ambições políticas:

*A juventude foi inflamada, e o que ela via ser louvado colocou em seu coração um desejo de emulação, e não houve ninguém que não tivesse esse pensamento, sabendo que tudo o que cada um fazia de bom nas províncias tu o sabias. (...) Agora, se alguém administra bem uma província lhe é oferecida a dignidade merecida por sua virtude. O campo da honra e da gloria está aberto a todos. (PLÍNIO. **Panegírico** 70, 3, 8)*

Como Plínio falava a um Senado já povoado de *homines novi*, podemos perceber que seu discurso não era apenas de elogio ao César. Tratava-se também de um alerta aos novos magistrados e às províncias: aqueles deveriam exercer adequadamente suas funções, pois seriam as testemunhas da boa ou má administração imperial. O sistema envolvia todos em uma rede de confiança e cooperação que se estendia pelo Império e fornecia as diretrizes a serem seguidas desde a *urbs* até as províncias.

O que vemos, portanto, é uma ampla busca de inserção em favor da coesão imperial e, já que “os romanos não concebiam a ideia de uma pluralidade de nações dotadas de direitos iguais” (VEYNE, 1992, p. 294), o processo ocorria pela adesão dos estrangeiros e provinciais às noções e valores romanos. Segundo Cizek (1983), esse movimento substituiu o *ciuis romanus* pelo *homo romanus*, ativo no exercício da vida política.

Considerações finais

O **Panegírico de Trajano** oferece uma leitura de como Plínio, o Jovem, representante dos senadores romanos, pensava o processo de integração social, política, econômica e cultural do Império. O imperador está inserido no contexto da romanização e da integração do Império. Embora provincial, Trajano figura como exemplo bem-acabado do processo, pois, membro das elites romanizadas, beneficiou-se de sua posição, talento e conjuntura favorável para atingir o poder.

A ênfase na origem hispânica do imperador desde seus remotos ancestrais fortalece o processo de romanização, também compartilhado. Assim, Plínio e Trajano estavam mergulhados em um contexto no qual a imagem do homem político construía-se pela sua adesão aos valores e ideias emanadas da *urbs*. Falando a um Senado que desde o início do Alto Império começara a ser composto por elementos itálicos e provinciais, o panegirista não apenas elogiou o imperador e a ele agradeceu pela distinção consular recebida, mas manifestou-se também a favor do acesso dos *homini novi* na administração do Império. A compreensão da trajetória e papel político do César deve ser vista no interior do complexo e ambíguo contexto do Principado. Nele as soluções e as bases do poder convergiam das várias partes do *orbis romanus*, e as diretrizes da *urbs* cumpriam papéis ambivalentes exaltando, suavizando ou ignorando valores em função das demandas políticas que se impunham.

Documentação escrita

CAIUS PLINIUS CAECILIUS SECUNDUS. **Panegyrique de Trajan**. Texte établi et traduit par Marcel Durry. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

Referências bibliográficas

- ALFÖLDY, G. **História social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.
- BÉRANGER, Jean. Tyrannus. **Revue des Études Latines**, Paris, t.XIII, p. 85-94, 1935.
- CANTO, A. M. **Lasraíces béticas de Trajano**. Sevilla: RD Editores, 2003.
- CIZEK, E. **L'Époque de Trajan: circonstances politiques et problèmes idéologiques**. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- _____. **Néron**. Paris: Fayard, 1982, p. 473.
- CHASTAGNOL, A. **Le senat romain à l'époque impériale**. Paris: Les Belles Lettres, 1992, p. 484.
- DURRY, M. Introduction. In: CAIUS PLINIUS CAECILIUS SECUNDUS. **Panegyrique de Trajan**. Texte établi et traduit par Marcel Durry. Paris: Les Belles Lettres, 1972, p. 86-93.
- HOMO, L. **Les institutions politiques romaines: de la Cité à l'État**. Paris: Albin Michel, 1950.
- MICHEL, A. **La philosophie politique à Rome d'Auguste à Marc Aurèle**. Paris: Armand Colin, 1969.
- PETIT, P. **A paz romana**. São Paulo: Edusp, 1989, p.350.
- RADICE, B. Pliny and the Panegyricus. **Greece & Rome**, Oxford, The Classical Association, v. XV, n. 2, p. 167-172, 1968.
- ROULAND, N. **Roma, democracia impossível? Os agentes do poder na Urbe Romana**. Brasília: UNB, 1997.
- SHERWIN-WHITE, A. N. Pliny, the man and his letters. **Greece & Rome**, Oxford, The Classical Association, v. XVI, n. 1, p. 76-90, 1969.
- TOVAR, A.; BLAZQUEZ, J. M. **Historia de la Hispania romana**. Madrid: Alianza Editorial, 1975, p. 383.
- VENTURINI, R. L. B. **Relações de poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana**. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.

VEYNE, P. O Império Romano. In: _____. (Org.) **História da vida privada: do Império Romano ao ano mil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 19-223.

_____. *Humanitas: romanos e não romanos.* In: GIARDINA, A. **O homem romano.** Lisboa: Presença, 1992, p. 283- 302.

Notas

¹ Para fazer referência aos habitantes de Itálica, utilizaremos o termo “italicense”, usado por Canto – assim, “itálicos”, naturalmente, designará os oriundos da península Itálica.

² Os aristocratas romanos usavam três nomes, os quais indicavam sua família e vinculação gentílica.

³ Gramático que viveu no século VI d.C.

⁴ As citações da fonte são nossas traduções da versão em língua francesa de Durry – utilizamos trechos do texto em latim para tratar de termos e expressões específicas.

⁵ A citação refere-se ao retorno de Domiciano da guerra contra os suevos e sármatas em 92 d.C.